

Massa Ré: variação CLT

Elilson Nascimento

Pedro Caetano Eboli Nogueira

Esta resenha trata de *Massa Ré: variação CLT*,¹ performance coletiva proposta pelo artista Elilson Nascimento. Ela não resulta, contudo, da observação desinteressada de uma obra, mas de minha participação ativa em seu desenrolar. Trata-se, portanto, de uma resenha crítico-etnográfica. Este que aqui escreve é o mesmo que lá esteve: fui um dos corpos que atravessaram o Centro do Rio de Janeiro, caminhando de costas, naquele 31 de março de 2017. Vestíamos calça *jeans* e blusa branca, empunhando na mão direita, abaixada, uma pedra portuguesa, enquanto na esquerda, levantada, carregávamos a carteira do trabalho. No mesmo dia ocorreria, mais tarde, uma passeata contra a reforma trabalhista que o presidente recém-entronado estava prestes a perpetrar. Havia, portanto, algo de parasitário na nossa caminhada, que não era performada no vácuo, mas no interior de uma atmosfera ebuliente. Parece que o trabalho se alimenta desse clima, de ânimos exaltados que precedem uma manifestação, como um quarto cheio de gás, que precisa apenas de uma fagulha para explodir. A pedra portuguesa que trazíamos abaixada carregava algo dessa latência, de uma fúria eminente que jamais se traduzia em ato. Ao vigor dessa violência potencial se contrapunha uma frágil sensação de deriva, imposta pela cegueira dos nossos passos que tateavam em marcha à ré. A performance parecia circular por entre esses dois polos, se afirmava nessa fresta.

A que formas políticas, porém, pode ela ser relacionada? Talvez sua política se deva menos ao discurso transparente que a ação poderia ensejar.

Afinal, a imagem de sujeitos que caminham de ré, segurando carteiras do trabalho, se prestaria muito facilmente à representação do retrocesso das reformas intentadas pelo governo, vindo a somar-se às manifestações que teriam lugar logo em seguida. Em tal ação, entretanto, reside uma poética que escapa à simples obviedade retilínea das interpretações e mantém parcialmente opaca a possibilidade de cartografar os possíveis sentidos dessa coreografia de corpos na rua. Trata-se de uma poética de díxima, que nunca se fecha ou se completa, mas enrola e desenrola, infinitamente.

A forma como o trabalho de Elilson tangencia alguns dos signos que rondam o imaginário da manifestação política “tradicional”, sem nunca os agarrar ou a eles aderir por completo, abre uma constelação crítica de sentidos e sensações sempre por fazer. O artista desloca esses signos, já encharcados de uma coreografia muito marcada, cuja fastidiosa repetição geralmente não permite que eles transcendam o terreno da inocuidade. Elilson os digere, os requeixa via a estética, fazendo deles emergir o frescor de uma potência política inédita.

Foto: Magno Scavone



O artista parece se alimentar do caráter performático das passeatas:² é mantida a caminhada da Cinelândia à Central do Brasil, itinerário clássico das manifestações políticas, aqui, porém, acrescida de um requinte estético que fissura a partitura costumeiramente orientadora dessas coreografias dos corpos na cidade: andamos de ré. Essa pequena incongruência já é o bastante para produzir uma fresta na cadência comum dos fatos, e assim nos tornamos algo estranho, nos abrimos à interpretação. A pedra portuguesa, a carteira de trabalho e a forma como as seguramos se somam como elementos produtores de sentido. Somos filmados, narrados, fotografados: não se sabe se somos arte ou política — essa ambiguidade é mantida suspensa, nos mantemos calados.

Assim, na contramão da tagarela cena política “tradicional” — aquela do palanque, das bandeiras, dos panfletos e do microfone — *Massa Ré* afirma a mudez infinita do seu discurso, depositando no transeunte a promessa de sentidos. Ao fazer soluçar a naturalidade de um dia, no ir e vir diário dos passantes, o trabalho fissura a ordem comum do sensível, e é neste solapar que o vetor político se produz. Pois, antes de tudo, a política não é assunto unicamente de políticos, mas pode ser uma fenda no metal sem soldas do aparato sensível compartilhado.³ Aqui a política é convite, é limiar, estreito e derradeiro como gume de faca, uma frágil equação entre a fala e aquilo que se cala.⁴

A estranheza daquilo que fazíamos era, todavia, também a garantia da nossa proteção da polícia que, àquela altura já se agrupava aos bandos para coreografar a manifestação que teria lugar no final daquela tarde. Afinal, não se podia dizer que estávamos veiculando qualquer mensagem política ou que a pedra portuguesa que tínhamos em mãos serviria para “atos de vandalismo”. A ação, não constituindo embate frontal a qualquer

poder que fosse, se firmava justamente em um limiar preciso em que a política forçosamente implica uma desidentificação.⁵ Essa astuciosa articulação política não permitia que fôssemos combatidos de forma direta, algo que a estética radical dos atos de *black blocs* ainda enseja. *Massa Ré* se afirma neste duplo tangenciar, que de um lado não permite uma rápida circunscrição ao registro criminoso, mas que por outro não se rende ao universo finito da cena política tradicional, já naturalizada, que nem sequer produz um desvio no olhar do passante. Sem dúvidas, entretanto, é aí que reside a invenção política em sua forma mais urgente, aquela que se apropria da estética como lógica constitutiva e fundamental.

NOTAS

1 A ação é parte de uma série de quatro caminhadas de costas, performadas individual ou coletivamente: *Massa Ré*, *Massa Ré: variação CLT*, *La Tri(u)unca Histórica* e *Ré Pública*. Ver Nascimento, Elilson Gomes do. *Por uma mobilidade performativa*. Rio de Janeiro: Editora Temporária, 2017.

2 A dimensão performativa das manifestações políticas é extensamente explorada em Schechner, Richard. *The Future of Ritual: Writings on Culture and Performance*. Abingdon: Routledge, 2009.

3 Rancière, Jacques. *O desentendimento: política e filosofia*. São Paulo: Ed. 34, 1996.

4 O filósofo Jacques Rancière denomina “palavra muda” essa lógica paradoxal que rege a produção artística no contemporâneo e constitui um fator determinante para seu teor político. Ver Rancière, Jacques. *O inconsciente estético*. São Paulo: Ed. 34, 2009.

5 Rancière, Jacques. *Nas margens do político*. Lisboa: KKYM, 2014.